

Da pedagogia existencial à formação profissional conforme o pensamento de Delfim Santos (1999)

Anna Maria Moog Rodrigues

Rio de Janeiro: *Revista Ciências Humanas* 22 (2), Universidade Gama Filho, 1999.

O pensamento de Delfim Santos, no que tange à pedagogia assim como à proposta de formação profissional, faz parte integrante do conjunto de sua obra filosófica, não havendo aí nada que se possa encontrar de divergente ou inconsistente com relação ao todo, nem tampouco o que quer que possa ser considerado como adjetivo ou supérfluo. Na verdade, mais do que parte integrante, a parte substantiva do pensamento do autor decorreu no âmbito da filosofia da educação e da pedagogia, posto que foi nesse âmbito que desenvolveu sua atividade de professor universitário. O filósofo, aliás, enfatizou a importância da relação entre a educação e o espírito: «*educação e espírito são o princípio e o fim do homem*» (D. Santos, 1977, p. 148).

Embora tenha estudado no exterior por largo período,¹ e tenha assimilado naquelas oportunidades vastos conhecimentos das principais correntes que dominavam o cenário da filosofia europeia à época, — principalmente o pensamento existencial de Heidegger, Jaspers e de Sartre, tanto quanto a fenomenologia de Husserl e Hartmann, — o fato é que Delfim Santos desenvolveu um roteiro próprio, ao qual se manteve fiel ao longo da vida. Havendo estudado com Schlick e Buehler e assistido conferências e pequenos cursos de outros pensadores do Círculo de Viena, reconheceu e apregou sempre o valor radical que é o homem, e escreveu uma obra de crítica ao neopositivismo. Em Viena também assistiu palestras de Frobenius, Heisenberg e Klages, e em Londres e Cambridge as dos filósofos analíticos e da linguagem. Entretanto, não se desviou de suas convicções filosóficas cujos princípios cedo se revelaram bem delineados, princípios consentâneos com o magistério de Leonardo Coimbra, recebido diretamente no convívio com o mestre na Faculdade de Letras do Porto. Manteve-se fiel a uma filosofia personalista de cunho existencial.

¹ De 1935 a 1937 e novamente de 1937 a 1942, primeiramente como bolsista da Junta de Investigação Nacional em Viena, Londres e Cambridge e depois como Leitor na Universidade de Berlim, enviado pela Junta Nacional de Educação.





www.delfimsantos.org

Anos mais tarde lembraria com saudades, na companhia dos antigos colegas da Faculdade de Letras do Porto «*as admiráveis tradições de cultura, de investigação e de fecundo e eficiente humanismo*» (*idem*, p. 60) que aquela Faculdade havia representado.

A presente comunicação será desenvolvida em três partes:

- 1^a) Pedagogia Existencial,
- 2^a) Conceito de Técnica e Cultura, e
- 3^a) Formação Profissional.

PEDAGOGIA EXISTENCIAL

Como já foi dito, o pensamento de Delfim Santos radica numa antropologia de cunho existencial. Para ele o homem é uma obra de arte a realizar-se. Contrariamente aos animais e às plantas que sempre surgem em um meio ambiente que lhes é propício ou ao qual se adaptam, o homem, de acordo com a linguagem evolucionista, não pertence a qualquer meio mas, por outro lado, é capaz de adaptar ou criar o meio para si próprio. Radicalmente, o homem desde que nasce exerce uma atividade incessante no sentido de aprender a ser homem, isto é, no sentido de criar o seu próprio ambiente. Esta atividade requer aprendizado. É aprendendo que ocorre o trânsito do simplesmente viver para o existir. Qualquer animal ou planta vive. Só ao homem é possível existir.

Ora, se o homem desde o nascimento tem que aprender para realizar o trânsito mais radical que é o do ser vivente para ser existente, e se aprender significa prender – «*aprender provém claramente de prender, prender-se a, prender-se com, prender-se para*» (D. Santos, 1977, p. 212) – o aprendizado será a atividade radicalmente a mais existencial de quantas possa haver, e o conhecimento acerca da aprendizagem há de consistir naturalmente na mais importante e relevante forma de conhecimento.

Note-se que a pedagogia, definida ora como o ato de aprender e ora como o conhecimento acerca do aprendizado, ora é vista, por conseguinte, como ação, aprender, ora como conhecimento. Enquanto conhecimento, não é ato existencial. Sendo conhecimento não é ação, e o ato existencial, como a própria expressão o diz, é ação e não contemplação.

De fato, para Delfim Santos, o saber, o conhecimento, será sempre meio e não fim, pois o fim do saber consiste no existir, o qual fim, em sendo realizado, o homem existindo, constitui cultura. Paradoxalmente, para o filósofo, «*o homem que sabe e confia dogmaticamente no seu saber, é o homem supinamente inculto*», (*idem*, 1973, p. 490), porque o móvel da cultura é a capacidade de interrogação que o anima e leva a questionar constantemente o *status quo*, transitando sempre para uma nova ultrapassagem.



www.delfimsantos.org

No entendimento de Delfim Santos, portanto, a pedagogia consiste na consciencialização do aprendiz, no ato de conscientemente aprender-se algo como tarefa existencial de transformação do meio e de auto-transformação. Na verdade, é ele mesmo quem chama atenção para o fato de a pedagogia ser processo e não apenas conhecimento. Caracterizou a *«pedagogia como processo existencial e não como processo lógico independente do tempo»*. A fundamentação existencial da pedagogia *«radica, pois, na compreensão temporal da existência humana. O homem não aprende apenas para viver, mas para existir, e existir não é apenas viver... Existir é estar no mundo»* (D. Santos, 1973, p. 440).

Em outro passo do mesmo texto, entretanto, o autor diz que se a pedagogia é realmente um sistema de conhecimentos que aspira a tornar-se ciência... esta não há de ser uma ciência exata mas poderá ser uma ciência rigorosa... (*idem*, p. 436 e ss). Admitamos com Cristiana Soveral Paskiewicz no seu excelente estudo da pedagogia existencial de Delfim Santos (Paskiewicz, p. 217), que o conceito de pedagogia para o autor é confuso, pois ou bem se trata de um processo existencial ou bem de um sistema de conhecimentos. Também é confusa a distinção entre o conceito de pedagogia e o de educação. Entretanto, algumas passagens sugerem que, por educação o autor entende predominantemente os elementos que são incorporados pelo educando provindos de fora para dentro, isto é, o que é proporcionado pelo meio, pela escola, pelo educador; e por pedagogia, ao contrário, entende o processo de aprendizado realizado pelo esforço individual propriamente dito. O que importa é a tese de que os homens, por serem existentes, não podem ser conhecidos como espécie, mas devem ser aprendidos e se devem aprender a si mesmos, aprendendo a conhecer-se conforme a proposta imorredoura e irretocável de Sócrates: “conhece-te a ti mesmo”. Educação, portanto, deve consistir em levar cada um a conhecer-se. Sendo o homem o autor de si mesmo, a educação consistirá em levar cada um a ser o que pode ser, a realizar todas as potencialidades que lhe são próprias. A finalidade principal do processo educativo, escreverá Delfim Santos, é o próprio desenvolvimento psicológico do indivíduo (D. Santos, 1973, p. 487).

Como já foi citado acima, *«aprender a ser homem é, antes de mais, o princípio orientador de toda a educação»* (*idem*, p. 446). A dubiedade desta afirmação consiste em não se ficar sabendo qual seja exatamente o papel do pedagogo ou do educador, uma vez que é óbvio o papel da pedagogia e da educação como um processo existencial a ser realizado por cada um autônoma e individualmente. E de fato, o filósofo reconhece esta ambiguidade posto que, em havendo um mestre ou professor, ou educador, este será representante de um mundo ao qual ele, educador, se haverá já adaptado, ou ainda, que esteja desejoso de criar. Enquanto *«o discípulo busca para si um mundo que pode nada ter de comum com o modelo apresentado pelo mestre»* (*idem*, p. 486).



www.delfimsantos.org

A tentativa de solução do problema leva Delfim Santos a debatê-lo, levantando a hipótese de ser recomendável haver uma mesma tipologia caracterológica e psicológica entre o professor e o discípulo. Entretanto, tal proposta consistiria na exigência de uma identidade básica entre o educador e o educando. O que nem sempre seria possível e talvez nem mesmo desejável. Considerando então, outra exigência, qual seja, a da relação de afetividade entre educador e educando, pondera o filósofo que este eros pedagógico, por seu lado, busca a complementaridade das personalidades, mas no fundo ainda estará sendo buscado aí o sentido de identidade entre ambos. Conclui que, se a educação visa formar o educando, o educador ou professor terá que desvendar o arquétipo, o perfil que constitui em cada caso individual o núcleo da personalidade do aluno, para que este seja *des-formado*, isto é, para que as sucessivas camadas sobrepostas de conformidades – conformidades aos reclamos sociais – sejam desfeitas, até chegar o professor à personalidade originária do discípulo. Ou melhor, até que o educando se conheça em sua autenticidade. Para realizar esta *des-formação* do educando, a psicologia será a melhor *ferramenta* da pedagogia e não o contrário. Em outras palavras, a psicologia será o campo de aplicação da pedagogia em vez de ser a pedagogia o campo de aplicação das teorias psicológicas, e isto com vista a permitir a realização de uma auto-consciência autêntica por parte do educando.

CONCEITO DE TÉCNICA E CULTURA

Na sequência deste pensamento, em que o autor se refere à psicologia como *ferramenta* da pedagogia, cumpre destacar que a ideia de ferramenta introduz o conceito de técnica e que este é um conceito fundamental no pensamento de Delfim Santos.

A técnica é fundamental na realização da cultura. Isto não apenas no nível social, mas também e principalmente no nível individual. Para o autor, há de haver uma técnica pedagógica, assim como uma técnica psicológica e tantas outras quantas forem necessárias para a realização de todos os diversos projetos humanos.

O conceito de técnica, na verdade, tal como proposto por Delfim Santos, é deveras amplo. Corre o risco de, por ser demasiado abrangente, aplicar-se a tudo sem distinguir coisa alguma. Como já ensinava a velha lógica, quando a definição do conceito aumenta em extensão, diminui em compreensão e vice-versa. Entretanto, no caso da definição da técnica dada por Delfim Santos, o conceito, ainda que amplíssimo, representa o ponto culminante a que chegou sua reflexão filosófica. Na verdade, no fechamento dos três volumes de sua *Obra Completa*, encontra-se a conferência intitulada *Técnica, Fundamento da Cultura*, a última que o filósofo pronunciou. Nela, deixou ele registrado que:

«Neste domínio da investigação filosófica acerca do sentido da técnica, encontra-se o problema das visões do mundo como resposta aos problemas do homem... O homem é um ser que, na sua situação enigmática, visiona e recria projetos de esclarecimento tendentes ao desvendamento do seu destino. E tudo quanto fez e tudo quanto pensou, pouco mais é do que a tentativa de elaborar ferramentas, utensílios, órgãos técnicos que lhe sirvam para satisfazer a sua inquietação e ânsia de justificação» (D. Santos, 1977, p. 507).

Portanto o que o autor entende por técnica, ou órgãos técnicos, resulta da inquietação correspondente à própria angústia existencial. Esta é inerente à situação do ser humano que por isso busca justificação para o enigma do seu destino visionando e recriando projetos de mundo e de si mesmo. Na verdade, é o próprio autor quem circunscreve a sua definição de técnica, recordando a origem da palavra grega *techné* que significa arte, processo, método, e acrescentando que «*não se trata, no primitivo sentido que lhe foi dado, da substituição das capacidades ativas do homem por algo de mecânico ou maquinal, mas, sim, do prolongamento das possibilidades do homem*» (*idem*, p. 495).

Como o homem não tem um meio específico, como a ele, enquanto espécie, não foi dado nenhum meio, cabe-lhe criá-lo. Cabe-lhe criar para si mesmo as formas artificiais de comunicação, de alimentação, de habitação, de comunhão e «*os correspondentes modos de atividade lúdica*» (*idem*, p. 496). E uma vez que o homem não se conforma com o mundo tal como o encontra, busca sempre alterá-lo, modificá-lo e aperfeiçoá-lo. Nesse empenho, a técnica diminui suas limitações e insuficiências na realização dos objetivos práticos.

Ora, estes objetivos práticos a que o homem se propõe, para criar para si mesmo um mundo que lhe convenha, de acordo com seus ideais, condicionam os meios que ele irá utilizar. Na medida em que cria os meios, alcança os fins e outros fins se sobrepõem; novos meios, novas técnicas terão que ser criadas para alcançar os novos fins. E assim por diante. Os meios constituem formas de desvelamento da experiência, meios de esclarecimento para mais funda compreensão do destino humano. Podem ser mesmo a filosofia, a religião e a arte. Inclui-se nessa categoria de meios a própria ciência, pois se trata de um meio para melhorar o conhecimento e domínio da realidade circundante.

É a partir deste ponto de vista que Delfim Santos afirma ser a técnica que fundamenta a ciência «*e não a ciência que fundamenta a técnica*» (*idem*, p. 497). Lembra a dialética de Hegel, no movimento incessante de perscrutação do espírito: os fins criam os meios e os meios os fins. Assim a técnica cria os meios para o desvelamento de novo aspecto da realidade, o qual, uma vez descoberto, gera novos objetivos a alcançar, os quais exigirão novos meios que por sua vez gerarão novas descobertas e assim sucessivamente.





www.delfimsantos.org

Ora, é este movimento que cria a cultura. A técnica por si só não é cultura. Cultura, entretanto, é *domínio de técnicas*. Estas, segundo o conceito amplo de técnica definido pelo autor, podem ser de cinco espécies: em primeiro lugar as técnicas de investigação e dominação da constituição íntima da matéria, as quais dão origem às ciências físico-químicas; em segundo lugar, as técnicas de investigação da especificidade do fenômeno da vida, que darão origem às ciências biológicas; em terceiro, as técnicas de investigação do psiquismo, que darão origem à pedagogia, à psicologia, à orientação vocacional, comunicação; em quarto, as técnicas de comunicação espiritual que poderão promover não só o desenvolvimento da filosofia, da teologia e das artes, como também das práticas místicas e religiosas, e finalmente as técnicas de organização social que ensejarão o desenvolvimento da sociologia, das ciências políticas, etc. Não quer isto dizer, entretanto, que quaisquer destes cinco tipos de técnica só se realizarão pelas ciências tais como estas foram surgindo no Ocidente na Época Moderna. São apenas formas culturais.

Como se percebe, o esquema dos cinco tipos de técnica engloba praticamente todas as atividades do homem. Deste ponto de vista, para tudo o que o homem faz, há uma técnica para bem o fazer. De fato, corroborando esta compreensão ampla de técnica, hoje publicam-se livros sobre técnicas para praticar esportes, para administração de empresas, para conduzir as relações interpessoais, inclusive para fazer amigos e influenciar pessoas.² De acordo, também, com esta compreensão, cada época histórica ou cada cultura, pode ser entendida a partir do tipo de técnica que nela foi privilegiada sobre as outras. Na Idade Média, por exemplo, houve uma orientação geral da cultura no sentido de se desenvolverem as técnicas de comunicação espiritual. Na Índia, teria sido desenvolvida a técnica espiritual de domínio do corpo pela meditação ióguica. Na Grécia, foi desenvolvida a filosofia, que é a técnica investigativa da razão, assim como a dialética, é a técnica do desenvolvimento das ideias, a gramática, a técnica da estrutura da linguagem e a retórica, a técnica da expressão. E assim por diante. Como se pode deduzir, para o autor, o conceito de técnica não se limita ao domínio da matéria, à transformação do substrato material do mundo. Somente porque na Época Moderna foi desenvolvida predominantemente a técnica que visa o domínio da matéria, é que esta acepção da técnica passou a caracterizar a modernidade. Cultura e técnica não são pois, facilmente separáveis, já que

«não há cultura sem técnica e a técnica é momento da cultura sedimentada, facilmente transmissível, mas, também e sempre, cultura atuante. Neste aspecto, tanto cultura como técnica são momentos na totalização da experiência humana, que, ao longo da história, se vão organizando... por sua vez, a cultura é o esforço de refundição de

² O bestseller *How to Make Friends and Influence People*, do americano Dale Carnegie, em vários países vendeu quase tanto quanto a Bíblia.



www.delfimsantos.org

técnicas renováveis em formas cada vez mais aptas para a compreensão do mundo e do próprio homem».

Por outro lado, a cultura se opõe radicalmente à natureza, posto que é obra do próprio homem, e no homem, é atribuível à sua dimensão espiritual. No homem encontram-se quatro dimensões, a física, a vital, a psíquica e a espiritual. O homem «é portador de qualquer coisa nova no reino animal, que do animal o separa radicalmente, e que, com maior ou menor precisão, se chama “espírito”» (D. Santos, 1977, p. 401).

Pelas dimensões física, vital e psíquica, o homem tende a se adaptar à natureza. Não assim pela dimensão espiritual. Por ela, comunica-se e age em liberdade. O espírito é negador da natureza. Pelo espírito o homem cria e recria um mundo sobre a natureza, um mundo que não é natural, que é artificial. Sendo assim, na perspectiva de Delfim Santos, a superioridade do homem na escala dos seres vivos corresponde exatamente à esta sua capacidade de integração da totalidade de suas experiências, da capacidade de criar técnicas e, por conseguinte cultura. E isto resulta de sua capacidade de utilizar a mão e o cérebro simultânea e conjuntamente na convergência de atos inventivos para o domínio de obstáculos na consecução de seus objetivos. Nenhum outro ser vivo consegue realizar tal façanha. Por isso o homem é um ser de técnica, utiliza a técnica «para a ordenação vital de suas funções, e desta forma no mundo que vai criando, atinge sua dignidade de “Faber-Sapiens” (artifex)» (*idem*, p. 496). Assim, o homem é superior ao animal, porque pensa e ao pensar busca realizar o que pensa, e em encontrando obstáculos à realização do que pretende, inventa ferramentas que lhe vão permitir superar os obstáculos que se lhe apresentam na prática.

Embora fazendo a apologia da técnica como sendo característica essencial do homem enquanto criador, *faber-sapiens, artifex*, nem por isso deixa Delfim Santos de condenar a cultura contemporânea. A análise que faz da crise da cultura contemporânea, comparando com épocas anteriores é de que:

«Em outros períodos de crise, os homens caminharam pouco seguramente para finalidades claras e bem definidas, (enquanto) os homens de hoje caminham seguramente, porque dispõem de todos os meios para isso, para uma finalidade não só pouco clara e imprecisa, mas, também, totalmente nova e muito vaga» (idem, p. 396).

Delfim Santos interpreta esta crise como sendo o ceticismo com relação à qualquer crença ou ideal. Considera que os homens que agem, isto é, os atores, vivem dentro de um sistema de crenças pelas quais põe sua vida e seu destino em jogo. Vivem a vida na sua dimensão lúdica. Os demais, que hoje predominam, não agem pois não têm crenças, são meros espectadores, vivem com noções por eles mesmos criadas, por vezes arbitrariamente, quase sempre opiniões, em função das quais criticam aqueles que observam agir enquanto eles mesmos permanecem na qualidade de espectadores. Os espectadores, que hoje são a imensa maioria, perderam o senso



www.delfimsantos.org

lúdico. Como toda a organização social tem origem lúdica – «a cultura é a melhor expressão desta categoria fundamental da vida» (*idem*, p. 397), – a própria ordenação social está em decadência.

Delfim Santos aproxima a ideia de trabalho por um ideal à de poesia, à de senso lúdico, à de jogo, recreio. Neste passo coincide com o pensamento de Vicente Ferreira da Silva, para quem a atividade lúdica é aquela que vale por ela mesma, o que, conforme Aristóteles, é o que promove felicidade. Entretanto, enquanto Vicente deprecia a atividade técnica por ser uma atividade meio, e portanto por não valer por si mesma, Delfim Santos, valoriza-a pois, ainda que meio, a técnica é indispensável para a realização do próprio homem enquanto existente. Na sua interpretação mais ampla de técnica, esta tem o valor intrínseco de meio humanizador, por definição, pois sem a técnica o homem permaneceria no patamar do animal. Não obstante, ambos, Delfim Santos e Vicente Ferreira da Silva, parecem concordar em que a crise do cultura, hoje, consiste na glorificação indevida da técnica, portanto, dos meios. Isto porque, em não havendo fins, a técnica passou a valer por si mesma, passou ela mesma a ser fim. Ambos, Vicente Ferreira da Silva e Delfim Santos, fazem uma crítica à modernidade na medida em que se trata da cultura na qual a razão foi idealizada acima de todos os outros valores. Delfim Santos afirma que, nos tempos modernos, tudo o que no homem não seja racional foi desvalorizado, inclusive as crenças e os ideais. Identificados com o irracional, estes foram desacreditados em nome da racionalidade. E assim, havendo transferido toda a possibilidade de crença unicamente para aquilo que é apenas meio, isto é, para as conquistas no escopo da matéria, o homem desinteressou-se do que é propriamente humano. Donde a crise e o vazio do momento atual.

É óbvio que, a solução da crise, de acordo com Delfim Santos, só será encontrada, quando o homem voltar a buscar a realização de si mesmo. Reiteradas vezes, ao longo da obra, ele afirma que o homem moderno esqueceu-se de si. Desinteressou-se de si. Perdendo as suas crenças, e os seus ideais, perdeu a si mesmo. Neste sentido é que afirma o valor dos mitos, pois, para ele, o mito tem a função social de revelar ao homem o que nele é humano. Os mitos variam de cultura para cultura. O mito é o elemento essencial que serve de dinamizador das realizações de um povo. Assim, escreve que:

«O mito não é uma ideia nem um valor, mas um momento projetivo de natureza utópica, que consubstancia e congloba todas as forças vitais de um povo, na realização de uma empresa, ou exprime com o máximo de profundidade os interesses mais recônditos que animam um povo na consecução dos seus fins. (...) E a função do mito consiste, no plano social, também em revelar ao homem o que nele é humano» (*idem*, p. 409).

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Delfim Santos nasceu na cidade do Porto em 1907, filho de pai ourives, e cedo abandonou os estudos para trabalhar com o pai na ourivesaria deste. Cedo quer dizer, logo após haver completado o curso primário que então era de cinco anos.³

Tendo sido, posteriormente, aluno de uma escola técnica,⁴ e havendo então descoberto sua vocação de estudante – estudante sendo aquele que se interroga e busca insaciavelmente aprender – o filósofo iria tornar-se adepto fervoroso da diversidade do ensino para atender à diversidade dos modelos e tipos humanos. Haveria de reforçar cada vez mais, ao longo de sua carreira, a idéia de que o ensino deveria começar pelos sentidos, desenvolver-se numa escola primária que atentasse à necessidade de motivar a criança ao aprendizado, ensino que deveria, obviamente, ser o mesmo para todas as crianças, respeitadas as diferenças culturais e regionais. A esse ensino primário deveria seguir-se um período preparatório, igualmente oferecido a todas as crianças, durante o qual estas estariam sendo observadas para detectar suas potencialidades e habilidades. Somente a partir de então é que cada adolescente deveria ser encaminhado para a escola de formação profissional, escolhida em conformidade com as demandas do meio e com a específica propensão individual, ou então para o liceu onde se habilitaria entrar na universidade, para a investigação ou para as profissões liberais.

Lamentava Delfim Santos o preconceito das famílias burguesas de Portugal, – e o mesmo pode ser verificado ainda hoje no Brasil – preconceito que levava as famílias a só admitirem que seus filhos cursassem o liceu e posteriormente a universidade, resultando com isto a desvalorização do ensino técnico profissional e uma universidade cheia de alunos que não deveriam estar lá. Apontava para o alto nível das escolas técnicas e profissionais que havia observado no exterior, onde a maioria dos alunos só ingressava mais ou menos aos quatorze anos, quanto haviam completado o primeiro ciclo de escolaridade obrigatória, desenvolvendo cursos que corresponderiam a cursos universitários.

A defesa que Delfim Santos fazia da formação técnica e profissional tinha por base sua própria concepção do homem e do desenvolvimento intelectual deste. Existir

³ Mais tarde passaria a ser de apenas três anos obrigatórios, para grande escândalo do filósofo que muito iria lutar para restaurar os cinco anos mínimos de escolaridade em nível primário. Escreveria a propósito: «...o que desde já se pode e deve denunciar é a insuficiência de três anos de frequência escolar e a grave situação das crianças que nesse prazo de tempo são obrigadas a engorgitar violentamente o saber considerado socialmente útil e necessário para os cinquenta anos de vida que, em média, ainda viverão» (D. Santos, 1977, p. 115).

⁴ «A escola primária superior... correspondia de fato a uma escola técnico-profissional... e de uma fui eu também aluno, para depois definitivamente se liquidar a designação, substituindo o seu plano por vários tipos de escola já com especialização profissional. Também a minha experiência me levou, de uma escola primária superior a uma escola industrial, e depois a uma preparatória, antes do ingresso como escolar no ensino liceal» (D. Santos, 1977, p. 154).





www.delfimsantos.org

requer elevar-se ao nível da consciência. É não permanecer no nível da vida animal. Considerava que o corpo e os sentidos são indispensáveis para o posterior desenvolvimento intelectual do ser humano – e já dizia Anaxágoras que o uso das mãos desenvolve a inteligência, – consequentemente torna-se patente que no processo de aprendizado, o uso das mãos, a formação técnica básica, há de ser importante para o crescimento integral, isto é, tanto intelectual quanto motor, da criança e do adolescente.

Delfim Santos não desprezava a vida dos sentidos ou a aprendizagem por meio deles. Na verdade, este nível de aprendizagem era por ele considerado importantíssimo. Entusiasmado com a proposta de Maria Montessori, que partira da aplicação de seu método de estimulação senso-motora às crianças anormais para a aplicação dele às crianças normais, escreveu o filósofo:

«Montessori considera a criança como um embrião espiritual, e a atividade sensorial predominante na ação pedagógica é tendente a acordar, a despertar a criança para a vida espiritual, que embrionariamente traz em si, e não reduzi-la a simples reagente automático dos seus sentidos» (idem, p. 132).

Segundo o filósofo, Montessori compreendeu que no período de formação da personalidade, dos três aos sete anos, a criança não está em condições de incorporar adequadamente o aprendizado intelectual que lhe costumam impingir. Trata-se da fase de exploração em todos os sentidos, é a fase tátil e manual. Propiciou ela então à criança o aprendizado das formas, dos pesos e das cores, da dureza e da moleza, do áspero e do macio. Esta atividade sensorial e motora, da qual a atividade intelectual ou o cultivo da inteligência é inteiramente dependente, havia sido deixada ao total abandono até então.

Por isso, Delfim Santos considerava que Montessori fizera uma das mais importantes contribuições para a educação, na medida em que mostrara que é esta a fase da conquista do real pelos sentidos, da busca do equilíbrio entre a subjetividade espontânea e a objetividade recriada; o método montessoriano proporcionaria à criança a base indispensável para o ulterior comportamento, radicado na harmonia entre os dois mundos, facultando, inclusive, a compreensão no processo de socialização.

O educador nele entusiasmou-se com os mestres da Escola Nova, em geral, e com Montessori em particular, porque apontaram todos para a necessidade do aprendizado através da atividade prática. “Não é disciplinado um indivíduo tornado artificialmente silencioso e imóvel como um paralítico” (*idem*, p. 137), dizia Montessori, para acrescentar que o papel do mestre é não colocar obstáculo à gradual conquista pela criança de sua independência e autonomia, mas o de facilitá-la pelo exercício da liberdade, conforme as condições do seu crescimento.



www.delfimsantos.org

Na verdade, este é o tema que representará o *leitmotiv* do pensamento do filósofo: a ênfase posta na atividade prática, a ênfase no aprendizado técnico, pois é não só a aplicação prática do conhecimento que há de gerar novos conhecimentos, mas o próprio empenho em encontrar soluções para os problemas de adaptação do meio ao homem o que há de gerar novos mundos, o que propiciará as condições de criar-se e recriar-se o ambiente, de criar e recriar o mundo, de criar a cultura e ao mesmo tempo de recriar-se cada um a si mesmo constantemente. E, em assim o fazendo, de desenvolver a permanente e árdua tarefa de tornar-se existente.

Para Delfim Santos, não é a escola que prepara para a profissão mas «*é a atividade prática que serve de aferição da possível capacidade teórica ou intelectual*» (*idem*, p. 100). Por isso o autor deplora que o destino de qualquer criança seja decidido aos dez anos de idade. É ao longo da adolescência e ainda na juventude que as aptidões se irão revelar. Hoje, já existem meios seguros para se detectar os pendores e aptidões de cada um. O principal, entretanto, no processo de aprendizagem, não consiste em acumular informações nem conhecimentos, mas sim o autoconhecimento, a autoconsciência.

Muita gente pensa que o objetivo da educação é acumular conhecimentos. Entretanto, para o filósofo, o valor do saber está na sua utilidade para possível aplicação, e não como adorno, como luxo, mera erudição sem nenhuma serventia. Delfim Santos refere-se à ponderação de Xenofonte, de quem é grande admirador, por este considerar a formação mais importante que a informação; aliás, o acúmulo de bagagem só é apreciado por quem não viaja.

Mas não se deve esquecer que Delfim Santos também deplora a tendência moderna de valorizarem-se os estudos universitários de cunho técnico-científico em detrimento das humanidades clássicas, pois na medida em que o ensino for só voltado para o domínio das coisas, e não para o próprio homem, perde o significado do próprio saber que é o autoconhecimento. Assim, a universidade, acima de tudo, deve ser o lugar da investigação e da busca do valor e do sentido daquilo que é relevante à existência humana, o conhecimento do próprio homem.

REFERÊNCIAS

- Paskiewicz, Cristiana Abranches Soveral, *A Filosofia Pedagógica de Delfim Santos*, Tese de Doutorado, Vila Real: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, 1997.
- Santos, Delfim, *Obras Completas*, Volume II, Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1973.
- Santos, Delfim, *Obras Completas*, Volume III, Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1977.